

ANÁLISE DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO ATRIBUÍ- DOS AOS BRINQUEDOS

MARISLEI RIBEIRO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
MARISLEI.RIBEIRO@CEAD.UFPEL.EDU.BR

MICAEL MACHADO DA SILVA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
PELOTAS, RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
MICAEL.MACHADO@UFPEL.EDU.BR

ANÁLISE DOS DISCURSOS NO INSTAGRAM SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO ATRIBUÍDOS AOS BRINQUEDOS

Resumo: Este artigo propõe analisar os discursos sobre os brinquedos na mídia social, Instagram. O intuito é discutir as estratégias dos discursos legitimados nos comentários da postagem que ocorrem sobre o que é para meninas e o que é para meninos a partir do caso de Theo Sholles Lima. Para tal, foi empregado como metodologia a Análise de Discurso de Linha Francesa que permite analisar o discurso em três níveis: sujeito, sentido e ideologia. Palavras-chave: Análise do Discurso; Estereótipos; Gênero; Infância e Brinquedos.

ANÁLISIS DE LOS DISCURSOS EN EL INSTAGRAM SOBRE LOS PAPELES DE GÉNERO ATRIBUIDOS A LOS JUGUETES

Resumen: Este artículo propone analizar los discursos sobre juguetes en las redes sociales, Instagram, con el objetivo de discutir las estrategias de los discursos legitimados en los comentarios de la publicación sobre lo que es para niñas y para niños del caso de Theo Sholles Lima. Para ello, se utilizó el Análisis del Discurso de la Línea Francesa como metodología, que permite analizar el discurso en tres niveles: sujeto, significado e ideología. Palabras clave: Análisis del discurso; estereotipos; género; Infancia y Juguetes.

INSTAGRAM DISCOURSE ANALYSIS ON GENDER ROLES ATTRIBUTED TO TOYS

Abstract: This article proposes to analyze the discourses about toys in social media, Instagram. The aim is to discuss the strategies of the discourses legitimated in the comments of the post that occur about what is for girls and what is for boys from the case of Theo Sholles Lima. To this end, the French Line Discourse Analysis was used as methodology, which allows the analysis of discourse on three levels: subject, meaning and ideology. Keywords: Discourse Analysis; Stereotypes; Genre; Childhood and Toys.

1 INTRODUÇÃO

A construção social tanto no Ocidente quanto no Oriente divide e define todos os atores sociais dentro dos gêneros “feminino” e “masculino”, antes mesmo do nascimento de cada um. Butler (2010) inclusive cita que o gênero alvitra a existência do ator social ao perguntar para uma gestante qual é o sexo do bebê. Imediatamente, materializando a imagem de uma menina ou

de um menino.

Do mesmo modo, os brinquedos estão presentes na vida das crianças e ainda, de acordo com Bujes (2004), são ativos na construção dos processos identitários. Sendo esses, responsáveis pela produção do gênero em diversas esferas sociais, ou seja, os brinquedos, discursivamente, estão imbuídos de produção e imposição de significados.

Por essa linha de pensamento, surgem os discursos definidos por Foucault (2013) como a reverberação de uma verdade que nasce diante dos olhos dos atores sociais. Assim, vistos como enunciados materialmente existentes tanto na forma escrita quanto na forma pronunciada. São proposições que adquirem caráter de verdade, passando a constituir princípios aceitáveis de comportamento (FOUCAULT apud FERNANDES, 2012, p. 19).

Visto isso, o presente artigo surge diante das discussões sobre gênero na mídia e, em diversos segmentos da sociedade, especialmente, acerca dos brinquedos, porque são utilizados para a produção do gênero existente nas crianças. Cerceados de estereótipos, formam um conjunto de ideias e posições sobre como uma determinada categoria deve parecer, ser e, até mesmo, comportar-se.

A conta designada para a coleta de dados é a do músico Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima), especialmente, a foto publicada na mídia social *Instagram*, na qual aparece o brinquedo de seu filho, Theo Scholles Lima. O registro trouxe à tona o debate sobre a divisão entre o que é de menina e o que é de menino. A Análise de Discurso de Linha Francesa, proposta por Orlandi (2009), é o método escolhido para selecionar e classificar os discursos, evidenciando os procedimentos de controle e delimitação do discurso.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Discurso, ideologia e utopia

Os discursos são evidenciados em toda a sociedade transmitindo mensagens e ligando o ser humano e a realidade natural e social pela linguagem. Tidos como elucidações do mundo, verbalizam a realidade na qual os atores sociais estão inseridos. De acordo com Foucault (2013), significam poder, são capazes de regular o que pode e o que não pode ser dito, além de moldar e definir os atores sociais, ditando quem são e o que são capazes de fazer.

Portanto, através do discurso, tudo o que foi enunciado pode ser “con-

trolado, selecionado, organizado e redistribuído por um certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT,2013, p.9). O poder, associado ao saber, fomenta a relação entre os dominantes e os dominados. Isso é, responsável por gerar a violência discursiva, mais precisamente, a violência simbólica, silenciosa, presente no dia a dia e desencadeada pelas interações humanas. Bourdieu (2001), ao definir a violência simbólica, fala no poder simbólico, descrito como um poder de construção da realidade que impõe sentidos e naturaliza as relações de poder.

As relações intermediadas pelo poder, restrito aos dominantes em uma classe ou grupo, impõem tanto o modo de pensar quanto o modo de agir ao resto da sociedade. Desse modo, Foucault (2013) cita os procedimentos de controle de produção dos discursos divididos em procedimentos externos e internos. Enquanto os externos abarcam a interdição, a separação/rejeição e a vontade de verdade, determinando os espaços pelos quais os atores sociais podem ou não falar e até circular, os internos, abarcam o comentário, o princípio de autoria e as disciplinas, agindo sobre os sujeitos na produção, bem como na circulação dos discursos. O quadro a seguir apresenta a proposta.

Quadro 1 – Procedimentos externos e internos.

PROCEDIMENTOS	SUBDIVISÃO	DESCRIÇÃO
Externo	Interdição	Estabelece os direitos e as proibições, interditando a fala dos atores sociais.
Externo	Separação/Rejeição	Visa controlar a produção dos discursos. Está ancorada na segregação da loucura e na rejeição do discurso, distingue a loucura e, logo depois, impede o discurso do louco.
Externo	Vontade de Verdade	Dividida pela oposição entre o certo e o errado, considera apenas uma verdade e, a vontade da verdade, o resto, é taxado como loucura.

Interno	Comentário	Refere-se aos discursos que são produzidos cotidianamente, com curta longevidade e que originam novos discursos.
Interno	Princípio de Autoria	Compreende o conjunto de relações externas ou internas que posiciona, predispõe e constitui os signos e objetos de forma a atuar na construção dos discursos.
Interno	Disciplina	Possui em seu interior um domínio de objetos próprios, como a definição de métodos e proposições consideradas como verdadeiras.

Fonte: Adaptado de acordo com Foucault (2013).

Sobre os procedimentos de controle e delimitação do discurso, Fernandes (2012) salienta que correspondem à prática que envolve os atores sociais e as situações de enunciação, e são responsáveis pelas imposições de regras que determinam papéis dos mesmos na produção dos discursos, ressaltando o que Foucault (2012) afirma ao definir o discurso como poder presente em todas as relações sociais. Sobre os outros atores sociais.

A ideologia, presente nos discursos, de forma perceptível ou mascarada, é conceituada por Williams (1979) como um sistema de crenças característico de uma classe ou grupo e o processo geral da produção de ideias e significados, enquanto que a utopia, não apenas se desassocia da ideologia, como também do real e do existente:

Representação imaginada de uma sociedade que se opõe à existente a) pela organização outra da sociedade tomada como um todo; b) pela alteridade das instituições e das relações que compõem a sociedade como um todo; c) pelos modos outros segundo os quais o cotidiano é vivido. Essa representação, menos ou mais elaborada nos detalhes, pode ser encarada como uma das possibilidades da sociedade real e leva à valorização positiva ou negativa desta sociedade (BACZKO, 1978, p. 405).

Mannheim (1972), por sua vez, cita que tanto a ideologia quanto a utopia, figuram as motivações coletivas inconscientes, atuando no sentido de

designar a forma como os atores sociais agem e pensam. Por esse ângulo, acredita-se que “servem para ocultar – em suas direções – certos aspectos da realidade social” (MANNHEIM, 1972, p. 67), evidenciando a identificação de ideologia com “acondicionamento” e de utopia com “mudança”. As duas, distorcidas da realidade, sobrepujando-a, mas, em conexão direta com a realidade da classe ou grupo dos atores sociais que as pensam.

2.2 Os brinquedos e a produção de gênero e estigmas

Perpassando a sociedade é possível visualizar a identidade dos discursos, além da comunicação, capazes de estabelecer regras de conduta, comportamentos e estratificações sociais que podem ser utilizadas tanto para discriminar como para marginalizar e instigar a violência. Nesse contexto, encontramos os brinquedos, artefatos culturais eivados de relações de poder, pois, são usados para a produção do gênero existente na vida das crianças antes mesmo do seu nascimento.

É importante ressaltar que a segregação dos gêneros tem seu início anteriormente à exposição aos recursos midiáticos, desvelando que a concepção e a divisão entre feminino e masculino estão arraigadas no cerne das relações sociais, partindo da perspectiva sócio-histórico-cultural. Tanto que, posteriormente, quando as crianças passam a frequentar a escola, segundo Moreno (1999), as meninas e meninos já têm interiorizado a maioria dos padrões de conduta discriminatória. Assim, também é observado que, em pouco tempo, as crianças aprendem que a própria linguagem é androcêntrica, ou seja, quando usa o “masculino”, seja para representar ambos os sexos ou quando nomeia sempre o menino antes da menina.

Portanto, os brinquedos e as brincadeiras estão cerceados de estereótipos incumbidos de constituir um conjunto de ideias e suposições sobre como uma determinada categoria deve parecer, ser e, até mesmo, comportar-se, normalmente, deslocando a atenção do observador do real valor social para sua capacidade de atender a performances. Em vista disso, associados ao gênero, demarcam expectativas em volta do sexo biológico que, imediatamente, desmembra e categoriza os atores sociais de acordo com a genitália, pressupondo que ao nascer com uma vagina é “feminino” e, ao nascer com um pênis é “masculino”. Nesse sentido, convém ressaltar a definição de gênero. “Em seu uso mais comum, o termo “gênero” significa a diferença cultural entre homens e mulheres, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são a substância dessa ideia.” (CONNELL e PEAR-

SE, 2015, p. 46). No entanto, para as autoras, essa definição não engloba de fato as discussões quanto ao campo das pesquisas sobre gênero. Simone de Beauvoir, na obra o “Segundo Sexo” (1949), desenvolve a ideia de “Um” (homem) e “Outro” (mulher), em uma relação de submissão feminina:

Basta passear de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses, ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total (BEAUVOIR, 1967, p 8-9).

Desse modo, há o estímulo de papéis sociais nos quais os meninos devem assumir a função patriarcal, associada à coragem e à virilidade, reprimindo qualquer conflito emocional em contraponto ao das meninas, cuja função é de submissão associada à docilidade e à meiguice. Essa imagem formada pelo estereótipo nem sempre corresponde à realidade particular do ator social, desencadeando os estigmas sociais¹. Goffman (1975), inclusive, ressalta que “os estigmas são permeados pela ideia da presença de normais² e estigmatizados. Ao passo que os atores sociais normais listam as categorias e atributos de um estranho, transfiguradas em expectativas e exigências normativas, apresentadas de modo rigoroso” (GOFFMAN, 1975, p. 12), os estigmatizados apresentam duas identidades: a real e a virtual. Enquanto que a primeira pode ser vista como um conjunto de categorias e características que o ator social prova ter, por outro lado, a segunda, nada mais é que uma exigência realizada pelos normais e isso, pode se tornar um estigma diante de uma disparidade entre a identidade social virtual e a identidade social real.

Os brinquedos e as representações são reforçados pela relação entre os atores sociais que estigmatizam e os que são estigmatizados, tratados por Bourdieu (2001) como dominantes e dominados, respectivamente. As relações, no entanto, estão em torno do poder simbólico, “o qual está intrínseco, invisível e é um fator importante na construção da realidade ao

1 Quando um indivíduo que poderia ser facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que se pode impor atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus (Goffman, 1975, p. 14).

2 Goffman (1975) usa o termo “normais” para definir os atores sociais que estigmatizam.

estabelecer uma ordem gnosiológica, ou seja, supõe um conformismo lógico exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que estão sujeitos, ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p.7-8). Ainda, como instrumento de dominação, os brinquedos, munidos de poder, estabelecem distinções hierárquicas, gerando um efeito de cunho ideológico:

Esse efeito ideológico, produz a cultura dominante dissimulando a função de divisão na função de comunicação: a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (BOURDIEU, 2001, p. 11).

Envoltos por uma luta simbólica para não somente impor como validar os discursos, surge a violência, conduzida por várias facetas da linguagem, exercida pelos diferentes grupos e classes. Žižek (2014), evidencia essa violência como simbólica, impondo sentidos e naturalizando as relações de poder, viabilizando e perpetuando a reprodução de estereótipos e estigmas sociais indispensáveis para a constituição de marcas e atributos elencados como negativos, desconsiderando a diversidade.

3 METODOLOGIA

Tendo em vista que na Internet as redes sociais são formadas por atores e conexões (RECUERO, 2009) e que os discursos disseminados nela possuem maior visibilidade por intermédio dos sites de redes sociais, o *corpus* desta análise é um *post* publicado no *Instagram*, que concede aos seus usuários cadastrados a comunicação on-line por meio do ato de captar imagens e, em seguida, compartilhá-las também em outras mídias sociais.

Considerando que esses espaços têm características próprias, constituindo um novo público, o público em rede, Boyd (2010) elenca características como a persistência (as informações publicadas permanecem *on-line*), a replicabilidade (as informações publicadas são replicáveis), a escabilidade (a difusão de informações pode ser escalada compondo a visibilidade) e a buscabilidade (a capacidade dessas informações serem buscáveis). Sobre os discursos na Internet, ainda pode-se afirmar, segundo Boyd (2010), a existência de audiências invisíveis (os discursos não estão restritos à audiência percebida), o colapso de contextos (o discurso não ter necessariamente um contexto dividido pelos participantes do processo) e o borramento das

fronteiras (entre o público privado, o discurso está exposto às várias redes sociais).

A postagem designada para análise foi publicada no perfil pessoal do músico Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima). O objeto realçado na imagem captada é o brinquedo de seu filho, Theo Scholles Lima, fruto de seu relacionamento com a cantora, compositora e atriz, Sandy Leah Lima. Essa postagem gerou, ao todo, 64.845 mil “gostei” e 2.155 mil “comentários”, sendo também repercutida em outras mídias sociais, *websites* e *weblogs*, até mesmo de notícias, de todo o país.

Imagem 1 – Postagem feita no dia 21 de agosto de 2018³.



Fonte: Instagram pessoal do músico Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima).

A legenda da imagem faz alusão ao cotidiano da família, em específico, à rotina do pai que, ao acordar, esbarra nos brinquedos do filho dispostos pela casa. O brinquedo em foco é uma boneca da Rainha Elsa, uma personagem fictícia do filme “Frozen – Uma Aventura Congelante”⁴, lançado em

3 Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmvU_VLhRKB/?taken-by=fl.lucaslima>. Acesso em: 18/10/2018.

4 Disponível em: <<http://www.adorocinema.com/filmes/filme-203691/>>. Acesso em: 18/10/2018.

2014, no Brasil, e produzido pelos estúdios Walt Disney Pictures.

O fato de um menino brincar com um brinquedo rotulado para meninas suscitou o debate acerca da produção de gênero nos brinquedos, originando muitos discursos. O método escolhido para análise é o proposto por Orlandi (2012), Análise de Discurso de Linha Francesa que observa os discursos sob três prismas: o sujeito (enunciador e suas estratégias para validar o discurso); o sentido (significados do discurso enunciado) e a ideologia⁵ (ideias ocultas no discurso em prol da dominação das classes ou grupos dominantes com intuito de manter sua hegemonia sobre as classes ou grupos dominados).

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS OBTIDOS

Os comentários selecionados para esta análise tratam de discursos que apresentam a violência simbólica, fortalecendo ou criando novos rótulos em volta dos brinquedos e brincadeiras. Após a aplicação da metodologia de análise, foi possível comprovar que os discursos foram construídos para atender interesses, envoltos de saber e poder na medida em que existem. Assim, todos colocam em evidência a reprodução de ideias munidas de frases preconceituosas e até agressivas, cujas construções de sentidos foram perpassadas historicamente pela sociedade nos espaços off-line que agora ganham sua versão on-line.

Apesar de o *Instagram* manter visíveis, os comentários de cada ator social sobre o caso que envolve a família dos famosos, Sandy Leah Lima e Lucas Scholles Lima, considerando que todo conteúdo publicado é de domínio público, optou-se por manter o anonimato dos agressores. Contudo, é apontado o gênero exposto pelos próprios usuários cadastrados na mídia social para o melhor entendimento dos discursos presentes nesse âmbito.

Quadro 2 – Comentário coletado na Internet.

NOME	DISCURSO SOBRE	PROCEDIMENTO
------	----------------	--------------

5 Chauí (2008) afirma que a ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade. Esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política.

Print Screen 1	<p>██████████ Vcs cria o menino com tanta frescura fazendo o menino crescer todo afeminado e agora compra uma boneca pra ele ????? @fl.lucaslima estão criando esse menino totalmente pra ser uma menina um dia. se querem tanto uma menina bonecas em casa faz outro filho quem sabe vem uma menina. Agora criar um menino como se fosse menina isso é pecado. ensina ele a ser homem e não mulher</p>	Interdição e Vontade de Verdade
----------------	---	---------------------------------

OBSERVAÇÃO
<p>O ator social que pronunciou o discurso, nesse caso, identifica-se com o sexo feminino. As informações foram colhidas e estão disponíveis em seu perfil pessoal no <i>Instagram</i>.</p>

Fonte: Publicação realizada por Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima).

No *Print Screen 1*, é visualizada a estratégia “interdição”, estabelecendo os direitos e as proibições, onde, o discurso do ator social demonstra, sua visão propagada por meio de uma crítica referente à maneira que a criança está sendo criada. A “vontade de verdade” também está presente, nesse caso, o discurso, segundo Foucault (2013), não precisa ser verdadeiro, bastando apenas que seja reproduzido como tal.

Ao ser relacionado como pecado os pais de uma criança identificada com o gênero masculino permitirem que a mesma brinque com uma boneca, é visto o discurso religioso de condenação. Esse, diz que o dominado, por estar agindo de modo contrário ao discurso enunciado pelo dominante, torna-se pecador. Em todo o discurso, a ideologia de gênero projeta tudo o que a sociedade e a cultura determinam como comportamento típico e esperado para as categorias “feminino” e “masculino”. Sempre, é claro, limitando os atores sociais às suas características biológicas.

Quadro 3 – Comentário coletado na *Internet*.

NOME	DISCURSO SOBRE	PROCEDIMENTO
Print Screen 2	<p>██████████ A Elza é da Mariquinha!! Hahahaha</p>	Separação/Rejeição

OBSERVAÇÃO
<p>O ator social que pronunciou o discurso, nesse caso, identifica-se com o sexo feminino. As informações foram colhidas e estão disponíveis em seu perfil pessoal no <i>Instagram</i>.</p>

Fonte: Publicação realizada por Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima).

A presença da estratégia “separação/rejeição” é evidenciada no *Print Screen 2*. Para tanto, é usado o humor para validar o discurso. A graça da piada reside justamente em tudo aquilo que o dominante não é, mas, o dominado é. O ator social que não aceita o discurso é taxado, instantaneamente, como “sem humor” e “louco”, porque um louco, é incapaz de entender o engraçado, ou seja, é desqualificado. Nesse caso, é imprescindível frisar que o humor, além de popularizar o discurso, tem o poder de mascarar e reduzir as agressões, distorcendo a realidade e confundindo os atores sociais. As características estereotipadas, vistas como negativas, são naturalizadas, suavizando as ofensas. Ao taxar o menino como “mariquinha”, pode-se perceber a violência simbólica criando, em cima dos estereótipos, os estigmas sociais que automaticamente elencam o querer do dominado como algo heteróclito.

Em vista disso, Bourdieu (2001) alega a existência do poder simbólico, em que os dominantes são beneficiários de um capital simbólico, espalhado e reproduzido por intermédio das instituições e práticas sociais que lhes possibilitam exercer o poder. Então, os símbolos são instrumentos que exercem a integração social, tornando possível obter o consenso do sentido do mundo social, o qual, permite estabelecer uma ordem social dominante. No *Print Screen 2*, isso tudo está planejado nas entrelinhas. A piada, ao ser interpretada como preconceituosa, insinua que todos os meninos que têm ou brincam com bonecas são afeminados e possuem tendências homossexuais. O poder é imposto quando o menino que não escolhe o carrinho, assim como a menina que não escolhe a boneca, são obrigados a aprender por meio de sanções e repreensões qual brinquedo devem escolher, ensinando a criança quais características são socialmente relacionadas ao feminino e ao masculino, mediante uma ordem social binária.

Quadro 4 – Comentário coletado na *Internet*.

NOME	DISCURSO SOBRE	PROCEDIMENTO
<i>Print Screen 3</i>	<p>██████████ Num sei como alguém se orgulha em ver o próprio filho brincar de boneca.. num é pq vc vai dizer pra seu filho que boneca é brinquedo de menina que vc vai ser preconceituoso não..já se sabe oq essa criança vai ser no futuro.. pais que amam seus filhos de vdd,ensinam o caminho certo.</p>	<p>Interdição, Vontade de Verdade e Separação/ Rejeição</p>

OBSERVAÇÃO

O ator social que pronunciou o discurso, nesse caso, identifica-se com o sexo feminino. As informações foram colhidas e estão disponíveis em seu perfil pessoal no <i>Instagram</i> .

Fonte: Publicação realizada por Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima).

Em alguns casos, são notados os três procedimentos externos de controle de produção dos discursos, elencados por Foucault (2013), a saber: interdição, separação/rejeição e vontade de verdade. É isso que acontece no *Print Screen 3*. A “interdição” impõe o que pode e o que não pode ser feito, e mais, realiza previsões ao redor do futuro de um menino que brinca de boneca. As exigências transmitidas na fala do ator social colocam em foco as condutas sociais que, em sua visão, são as adequadas para uma criança seguir, com o intuito de corrigir, restringir e forçara seguir padrões estipulados.

A “vontade de verdade” está incumbida de legitimar a interdição, entretanto, com um tom de condenação, tanto que o ator social traz um conjunto de normas divididas entre “certo” e “errado”, colocando meninas de um lado e meninos de outro. A visão de que um determinado brinquedo combina mais com um sexo ou outro dá-se de explicações deterministas a respeito da existência de uma natureza feminina ou masculina. Assim, encontramos o poder simbólico, definido por Bourdieu (2001) como construção de realidade. Nesse caso, a origem está em normas sociais baseadas na desigualdade entre mulheres e homens. Ambos, construídos através de opostos e complementares, em que a tendência é associar a mulher restritamente aos cuidados da casa e dos filhos e, os homens, ao trabalho em prol do sustento da casa.

As bonecas, instantaneamente, são associadas ao cuidado com crianças, classificadas como “brinquedos de menina” em contraste aos carrinhos, associados ao poder de consumo e, classificados como “brinquedos de menino”, proliferando e direcionando de forma massiva os papéis femininos e masculinos. O músico Lucas Sholles Lima, ao revelar que a boneca Elsa pertence a um menino, o Theo Sholles Lima, quebra as normas estipuladas. A troca de brinquedo é encarada pelos conservadores como uma troca de sexo e/ou orientação sexual, fortemente relacionada a uma cultura heterossexual também de disputa de poder entre dominantes e dominados, no que tange às relações sociais. No entanto, na maioria das vezes, isso não acontece em relação às meninas ao brincarem de carrinho, demonstrando uma superioridade ao que é ponderado como masculino, a superioridade da

masculinidade hegemônica⁶.

O terceiro procedimento observado no *Print Screen 3*, “separação/rejeição”, junto à “vontade da verdade”, classifica como anormal tanto o ato de um menino brincar com uma boneca quanto o ato de seus pais permitirem o “esquisito”, portanto, tornando o pai e a mãe como loucos, porque o louco, não discerne o certo do errado, o que é e o que não é de menino. Logo, tudo o que eles dizem, é inválido, interdito, silenciado. Foucault (2013) inclusive explica que ao taxar uma pessoa como louca, o discurso dela, mesmo que seja verdadeiro, não será aceito. Tudo isso por se opor ao conjunto de regras de conduta e valor estipulados pelos dominantes na sociedade.

Quadro 5 – Comentário coletado na *Internet*.

NOME	DISCURSO SOBRE	PROCEDIMENTO
<i>Print Screen 4</i>	██████ Não vou julgar, porque qualquer um pode ter um filho gay... Ninguém escolhe ter, simplesmente nasci assim... O primeiro sinal de filho gay é brincar de bonecas.	Vontade de Verdade
OBSERVAÇÕES		
O ator social que pronunciou o discurso, nesse caso, identifica-se com o sexo feminino. As informações foram colhidas e estão disponíveis em seu perfil pessoal no <i>Instagram</i> .		

Fonte: Publicação realizada por Lucas Scholles Lima (@fl.lucaslima).

Empregando o procedimento “vontade de verdade”, no *Print Screen 4*, o ator social que proferiu o discurso usa um preâmbulo, pondo em foco uma contradição: ao anunciar que não irá julgar, mas continuar compartilhando a sua opinião, conseqüentemente, termina o discurso julgando. Ditando que o simples fato de um menino possuir e brincar com uma Elsa de brinquedo é o primeiro sinal de homossexualidade na vida adulta, o ator social apresenta uma visão estereotipada e repleta de preconceitos que censuram, confundem e restringem as crianças. Em outros termos, é colocado em xeque a sexualidade de uma criança, criando uma distinção entre dois tipos de meninos: os ativos, que se distanciam das meninas, brincam somente com o que a

6 Connell e Messerschmidt (2013) explicam como um padrão de práticas (i.e., coisas feitas, não apenas uma série de expectativas de papéis ou uma identidade) possibilitou a dominação dos homens sobre as mulheres continuasse.

sociedade e a mídia ditam como brinquedos de meninos, negador daqueles considerados não-meninos, e os passivos, com tendências homossexuais.

A partir do discurso compartilhado no *Print Screen 4*, há interpretações sobre os momentos lúdicos, de brincadeiras infantis, como expressivos para a presença das representações de gênero. Ou seja, é como o momento onde as crianças expressam as maneiras que lidam com os corpos, o próprio e o dos outros e, por formas lúdicas, acabam inventando e reproduzindo a sexualidade, facultada por uma visão de mundo marcada por gênero. As reproduções são transmitidas pelos adultos, dominantes, reelaborando e criando ideias sobre os modos de ser e agir daqueles com quem convivem e dialogam, dando início a um ciclo em que surgem construções sociais, sobretudo acerca de sexo e gênero, sob formas simbólicas de gestos bem como modos de falar e andar.

5 CONCLUSÕES

Aplicando a Análise de Discurso de Linha Francesa nos quatro casos conjuntamente, é denotada a violência simbólica, assim como as estratégias sutilmente utilizadas para sua interposição e legitimação. Baseada no que os atores sociais aprendem ao longo da vida e esperam do outro, ampliando, perpetuando o poder simbólico, as relações e as disputas entre os dominantes e os dominados. Tudo, é claro, mediado pelos discursos produzidos, selecionados, organizados, controlados e redistribuídos com o intuito de servir a interesses, explicitando o discurso como a resultância da combinação entre as circunstâncias em que se fala ou escreve com a maneira pela qual são realizadas determinadas práticas

Os discursos sobre o que é de menina e o que é de menino colocaram em foco as discussões suscitadas em torno do gênero e do sexo com os papéis atribuídos a cada um, revelando que antes mesmo de nascer já são criadas expectativas para o novo indivíduo. Desde o útero é ensinado a reconhecer quais lugares podem ocupar por meio de estratégias sutis e naturalizadas. Isso tudo, graças à ideia acerca do que se espera de meninas e meninos. Comparando as meninas com os meninos, nos discursos coletados, percebe-se a segregação e o machismo restringindo a liberdade dos meninos e, mesmo que ambos brinquem com o mesmo brinquedo, o uso deve ser de forma diferente.

Outro fato verificado é referente a quem pronunciou os discursos: atores sociais que se identificam com o gênero e o sexo feminino. Ao associar

aos conceitos de Connell e Messerschmidt (2013), é notada a feminilidade enfatizada, cujo foco está na complacência em relação ao patriarcado, revelando que isso continua a ser altamente relevante no contexto atual de cultura de massa e que as vítimas, muitas vezes, não se reconhecem como tais, também validando e reproduzindo os discursos que as colocam em posição de inferioridade, porque se trata de uma violência silenciosa.

É indispensável ressaltar que os discursos sobre os brinquedos e, posteriormente, as brincadeiras, são objetos que fazem parte da formação histórica e cultural, enquanto que as brincadeiras, são socializantes, podendo prejudicar, causar a negação e a frustração não somente em relação aos seus interesses e habilidades, mas também na forma como se enxergam perante o mundo. Portanto, corrigir, restringir e forçar uma criança a seguir os padrões estipulados como “adequados” e “corretos” pode prejudicar o seu desenvolvimento. Diante dos estereótipos mantidos, as crianças podem passar a reproduzi-los no cotidiano, visto que reproduzem aquilo que aprendem com os adultos.

REFERÊNCIAS

- BACZKO, B. **Lumières de l’Utopie**. Paris: Payot, 1978.
- BAUER, M.; GASKELL G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- BEAUVOIR, S. **O segundo sexo: fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- BOYD, D. **Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications**. In: *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites* (ed. Zizi Papacharissi), pp. 39-58, 2010.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2000.
- BUTLER, J. **Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- BUJES, M. **Abrindo a pedagogia a outros olhares**. In: ZORZO, C; SILVA, L; POLENZ, T. (Orgs.) *Pedagogia em conexão*. Canoas: Editora da ULBRA, 2004. pp. 42-64.
- CHAUÍ, M. **O que é ideologia**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- CONNELL, R; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: NVersos, 2015.
- CONNELL, R.; MESSERSCHMIDT, J. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, Santa Catarina, v.21, n.1, pp. 241-242, 2013. Acesso em: 18/10/2018.

FERNANDES, C. **Discurso e sujeito em Michel Foucault**. São Paulo: Intermeios, 2012.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970/Michel Foucault; tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio**. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LOURO, G. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: LTC, 1975.

MANNHEIM, K. **Ideologia e utopia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

MORENO, M. **Como se ensina a ser menina: o sexismo na escola**. São Paulo: Moderna, 1999.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios & procedimentos**. São Paulo: Pontes, 2009.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SILVA, M. **Análise da violência discursiva contra a mulher no twitter: estudo dos casos de Anitta, Dilma Rousseff e Ludmilla**. In: XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul. Cascavel, PR, 2018. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/sul2018/resumos/R60-1596-1.pdf>. Acesso em: 16/09/2018.

SILVEIRA, R. **Michel Foucault: poder e análise das organizações**. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

ŽIŽEK, S. **Violência: seis reflexões laterais**. São Paulo: Boitempo, 2014.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Marislei Ribeiro

Universidade Federal de Pelotas, professora do Curso de Jornalismo, Pós-Doutora em Estudos Culturais, pela Universidade de Aveiro/Portugal. Coordenadora do Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Comunicação/ CNPQ.

E-mail: marislei.ribeiro@cead.ufpel.edu.br

Micael Machado da Silva

Universidade Federal de Pelotas, graduando em Jornalismo e pesquisador no Grupo de Pesquisa em Gênero, Sexualidade e Comunicação/ CNPQ.

E-mail: micael.machado@ufpel.edu.br